



IMAGINÁRIO MEDIEVAL E LITERATURA CONTEMPORÂNEA: RESSIGNIFICAÇÕES DE MAGOS PRESENTES NAS LITERATURAS DE JOHN R. R. TOLKIEN E TERENCE H. WHITE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3713

Lunielle de Brito Santos Bueno, UEL
Lukas Gabriel Grzybowski, UEL

Resumo

O século XX, foi marcado por diversos conflitos grandiosos, como a Primeira e Segunda Guerra Mundial; os conflitos imperialistas entre Europa, Ásia e África e a Guerra Fria. Como fruto desse contexto histórico bastante conturbado, expressões de pulsão de ficção, conceito de Sperber (2009), que referencia a necessidade humana de efabular alguma experiência vivida de grande intensidade e a busca de elementos maravilhosos de um passado medieval, são visíveis na literatura, bem como, em pinturas, esculturas e fontes audiovisuais. Neste trabalho, procuramos compreender quais são as influências do mago medieval nas literaturas do século XX especificamente nas obras dos escritores britânicos John R. R. Tolkien e Terence H. White e as influências do próprio século XX em seus principais escritos. Como fonte, utilizamos os livros *O hobbit* (1937) e *O senhor dos anéis* (1955) de Tolkien e *A espada na pedra* (1939), parte da coleção *O rei que foi e um dia será* (1939-1958) de White. Abarcando os conceitos de adaptação e ressignificação, procuramos analisar quais elementos de um imaginário medieval perduram nessas literaturas e como essas, após serem transformadas pelo contexto histórico de produção, contribuem para a compreensão do arquétipo de mago, imagetivamente representado com túnicas, chapéus pontiagudos, óculos e cajado e literariamente como o sábio conselheiro.

Palavras Chave:

Século XX; literatura britânica; magos.

Introdução

O século XX, foi marcado por diversos conflitos grandiosos, sendo um dos principais a Primeira Guerra Mundial. Conhecida como Guerra dos Poetas, a Primeira Guerra teve como característica uma série de obras literárias entre e pós-guerra. Com o uso de ironia a fim de denunciar os absurdos da guerra, algumas obras têm como uma das características disseminar uma cultura de esperança diante dos traumas de guerra vividos pela população em geral e pelos próprios literatos do movimento.

Como fruto desse contexto histórico bastante conturbado, expressões de pulsão de ficção¹, que referencia a necessidade humana de efabular alguma experiência vivida de grande intensidade e a busca de elementos maravilhosos de um passado medieval, são visíveis na literatura, bem como, em pinturas, esculturas e fontes audiovisuais.

A fim de compreendermos as aproximações e distanciamentos entre os magos Gandalf da produção de John R. R. Tolkien e Merlin de Terence H. White, analisaremos as obras mais difusas de ambos. Ademais, buscaremos entender como o contexto histórico influencia na produção de ambos, principalmente na figura do mago. As adaptações e ressignificações presentes em ambos, fruto de estudos medievais de ambos os autores também serão salientados a fim de complexificar nosso entendimento dos objetos de estudo.

O mago de John R. R. Tolkien

Um dos grupos literários que foi marcado por obras que apresentam essa pulsão de ficção e obras que trazem em seu enredo elementos medievais é o Inklings. Denominada como sociedade de

escritores e amigos de Oxford, Inklings era composta por homens que se encontravam frequentemente no pub Eagle & Child ou nas salas de Clive S. Lewis para lerem os trabalhos um dos outros e conversarem sobre. Muitos dos integrantes desse grupo participaram da Primeira Guerra Mundial, incluindo John R. R. Tolkien.

A fim de compreendermos melhor suas obras, procuraremos inserir o autor em seu contexto social, político, econômico e cultural. John Ronald Reuel Tolkien nasceu em Bloemfontein, na África do Sul no ano de 1892. John Tolkien ingressou em Oxford, primeiramente estudando Antiguidade Clássica, depois passou a estudar Letras e Literatura Inglesa e, em 1915 gradua-se com um First. Após a conclusão da graduação, Tolkien se alista para trabalhar na Guerra e é mandado para o 11º Batalhão do Lancashire Fusiliers, como segundo tenente. Participou da Batalha do Somme, contraiu a febre das trincheiras e, assim, retornou a Inglaterra. Trabalhou como linguista no The New English Dictionary, foi professor de Letras na Universidade de Leeds e como professor de Inglês Antigo em Oxford em 1925. Participou dos grupos Tea Club and Barravian Society, The Coalbiters e The Inklings.

O Hobbit [The Hobbit] foi desenvolvido primeiramente em forma de contos para seus filhos e posteriormente como livro. Publicado em 1937 em Londres e em 1938 nos Estados Unidos, alcançou enorme sucesso, o que levou Tolkien a escrever uma nova história que tomara 13 anos de sua dedicação, O Senhor dos Aneis [Lord of the Rings]². Essa última, escrita durante a Segunda Guerra Mundial e concluída em 1949, demorou para ser publicada pela

¹ Conceito de Sperber (2009).

² Em 1968, Lord of the Rings nos Estados Unidos alcançou mais de três milhões de

exemplares vendidos. Em 1973, Tolkien faleceu e seu filho Christopher, organizou, editou e publicou os livros póstumos de seu pai e hoje ainda é o detentor dos direitos sobre as obras do professor.

incompatibilidade de interesses do autor para com editoras³.

Apesar do contexto histórico fazer parte da construção da mitologia de Tolkien, sua obra não é somente uma alegoria. Todo seu estudo a partir de romances, novelas, epopeias e mitos medievais da sua localidade e de tantas outras faz com que sua obra ganhe profundidade em elementos que extrapolam o status de alegoria e alcance o de Fantasia Tolkieniana⁴. De maneira geral, o que podemos salientar da obra de Tolkien que apresenta elementos maravilhosos do medievo, é que ele combina elementos de um homem do século XX que sofreu com a guerra e de elementos medievais de modo bastante imbricado. Escreveu para todos os públicos e de modo particular consegue ser lembrado quando o assunto é imaginário medieval.

Em ambas as obras analisadas, o autor expõe uma crítica as tecnologias, mostrando uma descrença no progresso que as máquinas trouxeram. A própria tendência tecnológica dos Goblins assemelha-se muito com o que Tolkien viu na Batalha do Somme. Podemos perceber essa crítica ao associar as máquinas aos Orcs, enquanto os heróis da história são auxiliados pela natureza, representada por Ents (árvores) e pelas águias.

Personagens como Bilbo, Sam, Frodo, Faramir, Aragorn, Boromir e Thorin II possuem expressões de soldados da Primeira Guerra Mundial. Cada um com uma missão e um destaque diferenciado nas obras, mas todos representando a realidade complexa de um soldado. Mas além do contexto de produção, os elementos medievais presentes na obra são de suma importância. Os próprios personagens são

baseados em literaturas medievais, como os anões, os elfos, os orcs, wargs, entre outros. Aqui, além dos heróis épicos – partindo do pressuposto que para se constituir como tal tem como principal realização a participação nos campos de batalha da guerra – que são construídos pelo autor, como Thorin, Aragorn, Boromir e Faramir personagens épicos/míticos como Galadriel, Celeborn, Saruman, Sauron, Tom Bombadil, temos o nosso objeto, Gandalf que apresenta elementos da influência da narrativa épica medieval⁵.

Tanto as narrativas de O Hobbit quanto de O Senhor dos Aneis iniciam-se no Condado, um paralelo com o mundo burguês onde todos os integrantes desse espaço vivenciam uma vida blasée, onde a industrialização e a tecnologia substituiu a capacidade imaginativa. Na primeira obra, Sr. Bilbo Bolseiro, um hobbit, é convocado por Gandalf para ajudá-lo na empreitada com 13 anões a fim recuperar seu tesouro, suas terras e a pedra Arken, que devolveria a honra aos anões perdidos na batalha com Smaug, o dragão. Sua função era a de ladrão, auxiliando-os a roubar aquilo que era deles por direito e, como seu lado Tûk (caracterizados por serem aventureiros) falou mais alto que o Bolseiro, aceitou a empreitada. Através da caminhada, Bilbo conhece novos lugares, novos seres, encontra o Um Anel que estava sob domínio de Sméagol e, com o poder que o anel lhe dera de tornar-se invisível, ajuda os anões a recuperar seu reino e seu tesouro.

Já em O Senhor dos Aneis, Frodo Bolseiro, sobrinho de Bilbo Bolseiro, recebe de seu tio o anel que foi roubado de Sméagol. Gandalf que já sabia da existência do anel de Bilbo, percebendo o poder do anel, reconhece que ele, na verdade, é o Um Anel, artefato mágico

³ John R. R. Tolkien queria que *Silmarillion* fosse publicado junto ao *Lord of the Rings*, entretanto, acabou cedendo à pressão dos editores e lançou apenas o último, entre os anos de 1954 e 1955 em três volumes.

⁴ Conceito de Jared Lobdell

⁵ STAINLE, S. op. cit.

forjado por Sauron, e que fora perdido numa batalha milênios antes. Se recuperado, o Um Anel permitiria a Sauron o domínio definitivo sobre toda a Terra-média. Para essa missão é formada a Sociedade do Anel, composta por nove companheiros: Frodo, Sam, Merry, Pippin, Aragorn, Boromir, Legolas, Gimli e Gandalf. Frodo seria o Portador do Anel, aquele que deveria lançar o Anel nos fogos de Orodruin. A Comitativa do Anel se separa em dado momento na narrativa, o que faz com que cada membro escolha com cautela e aprenda com os erros; cada um dos heróis progride e se transforma de acordo com o decorrer da narrativa, superando os obstáculos que lhes são impostos. Após compreendermos todas as imbricações de contexto histórico e dos estudos do próprio autor, bem como do que se trata a narrativa, resta-nos analisar qual a função desempenhada pelo nosso objeto de estudo, Gandalf.

Gandalf, também chamado de Olórin, Mithrandir, Tharkûn, Greyhame, O Cinzento, O Branco e O Cavaleiro Branco⁶, sendo membro da classe dos Maiar, Gandalf é também um ainu; entre os Maiar havia aqueles que foram chamados de Istari. Estes foram enviados à Terra-média para cumprir a missão de auxiliar os demais seres contra o poderio de Sauron. Saindo do local habitado pelas divindades, os Istari ingressam na Terra-média e seus antigos nomes e formas são abandonados para dar lugar aos novos. A mudança do estado divino e etéreo, para o estado corpóreo assumido pelos Istari na Terra Média, é demarcada pela mudança de nome, que “mais do que uma faceta de cada um, ajuda o leitor a compreender o

deslocamento espacial, temporal, a mudança na condição existencial de cada criatura e também o ingresso na criação sob as regras do Protocolo Istari”.

Para seguir o Protocolo, artifícios alternativos como ler pensamentos, persuadir através da voz, falar com todos os animais são utilizados por Gandalf, assim como por outros Istari, pois assim eles conseguem se comunicar de forma que os demais personagens não percebem sua verdadeira natureza e sua missão na Terra-média. Em *O Hobbit*, temos uma breve descrição de Gandalf. Aqui, nosso personagem é descrito como “um velho com um cajado [...] um chapéu azul, alto e pontudo, uma capa cinzenta comprida, um cachecol prateado sobre o qual sua longa barba branca caía até abaixo da cintura, e imensas botas pretas”⁷ e Bilbo considera-o um “mago errante [...] camarada que costumava contar histórias maravilhosas nas festas, sobre dragões, orcs e gigantes e sobre resgates de princesas [...] o homem que costumava fazer fogos de artifício especialmente maravilhosos!”⁸ e no final da narrativa, Bilbo descreve-o como “um velho, embrulhado numa capa escura, levantou-se da porta de uma tenda onde estava sentado e foi na direção deles”⁹.

A figura arquetípica do mago aqui se configura na característica de velho ou andarilho, que é associada à imagem de Gandalf. Outra característica que pertence a esse arquétipo é sua capa que, em determinadas situações, é usada para ocultar sua identidade, aproximando-o, nesse aspecto, ao caráter misterioso do arquétipo de mago construído tomando como base o Merlin medieval¹⁰.

6 Gandalf — “Espírito Élfico” — é o nome da faceta de Olórin conhecida pelos Homens do Norte. Seu nome verdadeiro nas terras ocidentais abençoadas, ou Valinor, é Olórin, nome esse que não aparece em nenhum momento da narrativa de *O Senhor dos Anéis*. Pelos elfos era chamado de Mithrandir — “Peregrino Cinzento” — e, pelos anões, de Tharkûn — “Homem do Cajado”. No Sul, entre os Haradrim, era Incánus e em Rohan é

chamado de Greyhame — “Manto Cinzento”. Depois de renascer como O Branco Gandalf passou a ser chamado de O Cavaleiro Branco em contraste com Os Cavaleiros Negros de Mordor.

7 TOLKIEN, 2001, p. 4

8 Id Ibidem, p. 5

9 Id Ibidem, p. 264

10 STAINLE, op. cit. p. 89

Outros aspectos importantes desse arquétipo também aparecem nas vestimentas de Gandalf, o chapéu azul e pontudo e seu cajado. O chapéu pontudo, que lembra muito os utilizados por líderes religiosos de diversas localidades, como a Mitra papal, o chapéu utilizado na Ilha de Morgninton, a peça de cabeça de Osiris ou, até mesmo, o tradicional chapéu amarelo do Dalai Lama, representa um símbolo de sabedoria, pois o mesmo aponta aos céus, como busca pela ascensão em direção à divindade; corroborando para o entendimento do chapéu, sua forma cônica e ascendente pode representar a busca pelo aperfeiçoamento e pela sabedoria, características presentes no personagem em questão¹¹. O cajado é utilizado em inúmeras culturas como um apoio, entretanto, o mesmo pode proporcionar ao seu dono o uso para fins ritualísticos, mágicos e espirituais. Seu cajado representa a sabedoria que o mesmo carrega a sabedoria alcançada com a experiência; o objeto se relaciona inúmeras vezes com o fogo, elemento presente em várias passagens das obras. Trechos de como Gandalf acendeu seu cajado, mostram que o personagem utilizava da luz e do fogo provenientes de seu cajado a fim de enfrentar os inimigos.

O mago de Terence H. White

Inserido na discussão de crítica a própria faceta da modernidade visível nas Primeira e Segunda Guerra Mundial, outros autores, que não pertenciam a algum grupo organizado de discussões literárias, também transcenderam a alegoria e promoveram obras que sincretizam o contexto sócio-histórico do autor e suas ressignificações e adaptações da Idade Média.

Terence Hanbury White, também conhecido como Tim White, nasceu em 1906 em Bombay, na época, pertencente a Índia Britânica e ficou

conhecido por seu romance arturiano, *O Rei Que Foi e Um Dia Será* [The Once and Future King], publicado pela primeira vez em 1958. Como parte pertencente desse romance, quatro livros foram publicados separadamente antes da versão condensada. *A espada na pedra* (1938); *A rainha do ar e das sombras* (1939); *O cavaleiro imperfeito* (1940) e *A chama ao vento* (1958). Postumamente, no ano de 1977, foi lançado *O livro de Merlin*, na edição que separou os cinco livros e foi ilustrado por Alan Lee, ilustrador de *O Senhor dos Aneis*.

Estudou no Cheltenham College, em Gloucestershire e no Queens' College estudou sobre *La Morte d'Arthur* de Thomas Malory, sendo orientado por L. J. Potts, a quem posteriormente tornara-se amigo e correspondente. Formou-se na faculdade em 1928, com o reconhecimento de um First; ensinou inglês em Stowe School, em Buckinghamshire, por quatro anos. Em 1936 publicou um livro de memórias, mas escrevera tantos outros como *Earth Stopped* e *Gone to Ground*. Seu primeiro livro, *A espada na pedra*, é considerado um prefácio para o livro que reúne os contos de Malory, do século XV e essa alcançou sucesso com a adaptação cinematográfica feita por Wolfgang Reitherman para a Disney em 1963, bem como sua adaptação para a coletânea de livros da Disney. Não menos importante, sua obra magna também conquistou espaço na Broadway, com o musical de 1960, *Camelot*.

O contexto de produção de White é o mesmo que de Tolkien, o primeiro, em uma de suas cartas, escreve “eu não gosto de guerra, eu não quero a guerra, e eu não a comeci. Acho que posso suportar a vida como um covarde, mas não poderia suportá-la como um herói”¹², mostrando sua insatisfação com a mesma e a plena convicção de que não se alistaria para compactuar com tal

11 Id Ibidem, p.90

12 WHITE, 2005, *O livro de Merlin*, p.176.

acontecimento catastrófico. A guerra “silenciava a lei, matava os poetas, exaltava o orgulho, enchia o ganancioso de mercadorias e oprimia o humilde e dócil”¹³, e dentro desse contexto sócio-histórico, White preocupava-se em expor seus pensamentos típicos do “entre guerras”, conceituando o período como de “demência destruidora”¹⁴.

Tanto quanto a obra de Tolkien, os estudos medievais do autor são visíveis na obra. Ao estudar Thomas Malory, um dos grandes expoentes da literatura inglesa que escrevera sobre Arthur, White faz menção a datas, acontecimentos políticos, costumes medievais imbricando com elementos contemporâneos a ele; fato esse que poderia ser explicado pelo público alvo do mesmo, o infato-juvenil. Ao escrever para uma faixa etária que, dentro da grade escolar, não tem um acontecimento complexo sobre o medieval, as analogias feitas pelo mesmo no decorrer da obra auxiliam o leitor para uma melhor compreensão de costumes, objetos e práticas. Essas analogias podem ser vistas quando o autor compara o hidromel a um tipo de vinho, ou quando compara um colégio medieval que Sir Ector, pai de criação de Arthur, poderia manda-lo junto a seu filho, Kay, com um contemporâneo a ele¹⁵.

Sua história é situada nos séculos XII e XIII aproximadamente, demarcação visível pela vida do pai de Arthur, Uther Pendragon, que, segundo o autor, pertencia a dinastia normanda¹⁶ e vivera entre 1066 e 1216¹⁷. E nela os elementos medievais podem ser vistos pelos seres maravilhosos que são encontrados em um imaginário da própria Idade Média, como Robin Wood, a fera Glatissant, fadas e um grifo.

O livro aqui em questão, é o primeiro da obra, “A espada na pedra”. O autor conta toda a trajetória de Arthur antes de assumir o trono deixado por seu pai, Uther Pendragon. Arthur, sendo filho de criação de Sir Ector, não tinha os mesmos direitos de tornar-se um cavaleiro como o filho legítimo do senhor, Kay, que, além de mais velho, tinha treinamentos exclusivos que Arthur nunca pôde participar. Ao ir em busca de Cully, uma ave de caça, pela floresta e ser abandonado por Kay, Arthur encontra Merlin e seu mocho, Arquimedes, que o ajuda, acolhe e ensina. Depois de longas lições, Arthur ao ir para Londres, acompanhar Kay, em seu primeiro torneio como cavaleiro, acaba tirando a espada destinada ao herdeiro do trono e assim, Merlin lhe revela a verdadeira identidade, filho de Uther Pendragon com Igraine e que o mago mesmo entregara o então rei a Sir Ector, disfarçado; dando início assim, ao segundo livro.

Através de sua obra podemos perceber a crítica ao contexto do autor por meio das passagens que Merlin transforma Arthur em animais, para aprender sobre o mundo natural ou para praticar atividades físicas, como natação. Uma das transformações, levou Arthur a tornar-se um esmerilhão, que entrara em contato com uma “falcoa peregrina [que tinha uma] voz nasal aguda que provinha do seu nariz aristocrático”¹⁸, com Cully, o “colérico coronel da infantaria”, Balin e Balan dois capitães esmerilhões, um gavião e Mr. Kee, um peneireiro. Ao colocar Arthur em contato com as aves de caça, principalmente com Cully, nosso autor aponta para como os envolvidos com a guerra, principalmente do lado dos Aliados, ficam enlouquecidos pelo sofrimento, perdas e pressão causados

13 WHITE, 2005, p. 175.

14 Id *ibidem*, p. 175.

15 “Não foi verdadeiramente Eton que ele mencionou porque o Colégio de Santa Maria só foi fundado em 1440, mas era um sítio do mesmo gênero” WHITE, 1958, p.14.

16 “As formigas não são das nossas, normandas, meu rapaz. Vieram das terras da África. São hostis” WHITE, 1958, p. 118.

17 Id *Ibidem*, 188.

18 WHITE, *op. cit.* p. 77

pelo estado de guerra. Cully, enlouquecido de sua viagem a caça, que pode ser representada pela guerra, fala “Malditos negros [...] Maldita administração. Malditos políticos. Malditos bolchevistas”¹⁹. Cully pode representar os “heróis de guerra” que não voltaram a ser os mesmos devido as pressões do Estado, principalmente de países capitalistas como a Inglaterra e os Estados Unidos que criticam o movimento bolchevista, bem como os negros que não muito distante da época, conseguiram sua liberdade e, pouco a pouco, conseguiam a igualdade de direitos, luta que permanece até hoje, em diversos países e não só os dois já citados.

Outra transformação proporcionada por Merlin a Arthur, é a de uma formiga, que representam um verdadeiro batalhão em campo de guerra. O cenário descrito lembra bastante um acampamento em meio à guerra, e a frase “tudo o que não é proibido é obrigatório” remete-nos a rotina metódica e regrada dos soldados, que são controlados por uma conduta militar a se seguir. Outro aspecto dessa transformação que remonta a guerra física é a comunicação por códigos, o uso de frases curtas e simples, para facilitar a comunicação e ao fato de que cada formiga é referenciada por um código e não por um nome que, mostra a desumanização que faz parte do processo de guerra: sem individualidade, sem diálogo e, muitas das vezes, sem estabelecer relações fortificadas. As regras do batalhão que levavam as formigas guerreiras a acreditarem que a guerra era necessária é um discurso típico de guerra “legítima defesa”, “se não atacarmos primeiro, elas nos atacarão”, inculcando nas mentes das formigas sem um senso próprio, a agirem pelo “bem geral da comunidade”, no caso, ao grupo dessas formigas ou da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A última transformação que Merlin proporcionara a Arthur é a de um

texugo. Com essa experiência, Arthur, ao encontrar um texugo erudito, tem um último contato com a visão do autor sobre a guerra entre iguais. O erudito apresenta o esboço de sua tese que acredita que o ser humano é um dos únicos animais que ainda faz guerra com os da mesma espécie. Entretanto, ao perceber que Arthur ao dizer “Na guerra não tens coragem e paciência, Texugo, e camaradas a quem ames?”, ainda é bastante imaturo e iludido com o ambiente cavalheiresco que romantiza a guerra, e não tendo o convencido por suas informações e teorias de cunho biológicos, retoma a sua própria experiência com o outro lado, perguntando no fim do capítulo XXI, se Arthur gostava mais das formigas (que empreendiam guerra com outras da mesma espécie) ou dos gansos selvagens (que a aboliam terrivelmente). O autor, ao terminar o capítulo sem resposta, também provoca no leitor uma reflexão, qual seria o mais sábio dos animais?

Após todas essas transformações proporcionadas por Merlin, podemos perceber que os elementos druidísticos estão presentes no personagem, tanto quanto em Gandalf. O mesmo imbrica magia e ensinamentos em sua caminhada ao lado de Arthur; tinha um conhecimento do mundo natural profundo e torna-se conselheiro do rei. Merlin é descrito por White como:

“O ancião [...] estava vestido com uma toga larga com estolas de pelo que tinha bordados por cima os signos do zodíaco, com vários sinais cabalísticos, tais como triângulos com um olho dentro, cruzes esquisitas, folhas de árvores, ossos de pássaros e de mamíferos e um planetário cujas estrelas brilhavam como pedaços de espelho com o Sol a dar-lhes. Tinha um chapéu em bico, como o dos cábulas, ou como o toucado das damas daquele tempo, com a diferença de que as damas

19 Id Ibidem, p. 77

costumavam usar um bocado de véu a flutuar na ponta. Tinha também uma varinha de pau-santo, que pusera na erva junto de si e um par de óculos com armação de chifre [...]. Merlyn tinha uma comprida barba branca e bigodes brancos compridos que pendiam de ambos os lados daquela”²⁰

Neste trecho podemos perceber que, assim como Gandalf, Merlin também usa um chapéu cônico, comparado ao chapéu em forma de cone utilizado nas escolas contemporâneas ao período de escrita, geralmente associado a palavra *dunce*, colocado na cabeça dos alunos que deveriam “passar vergonha” na sala de aula. O mesmo chapéu também é comparado ao gorjal, típico da vestimenta feminina medieval. Suas vestes também têm elementos que se vinculam ao universo druidístico, como o zodíaco bordado, o planetário, o vínculo com a natureza pela varinha de pau-santo e a erva que ficava junto de si. Ainda sobre os elementos, é interessante notar os elementos cabalísticos ressaltados pela descrição do autor por meio de Arthur. Vale ressaltar que assim como Gandalf, o mago de White também tem barbas compridas e é velho.

Merlin, na narrativa, torna-se o mediador de conhecimento tanto de Arthur e Kay, quanto do próprio leitor que, ao deparar-se com a diversidade política e conseguir estabelecer relações com sua própria contemporaneidade – pois o autor usa do artifício das analogias entre questões naturais e medievais com a própria realidade – conseguiria refletir de maneira mais crítica o seu contexto histórico.

Considerações Finais

Para além dos aspectos que envolvem o enredo das narrativas que ambos os personagens estão inseridos, como serem reconhecidos como magos,

sumirem e aparecerem em momentos estratégicos na narrativa, aconselharem e coroarem um rei (Arthur e Aragorn) – Gandalf fora escolhido por Aragorn para coroá-lo e assim fundar a Era dos Homens na Terra Média, fundando assim a “exclusivamente para a raça humana”, assim como Merlin coroa Arthur e funda a Inglaterra com seu ato – e serem sábios, ambos são descritos imagetivamente como velhos, com cabelos e barbas hirsutas.

Ambos os magos são utilizados como guias tanto dos heróis, quanto dos leitores, a fim de que esses possam compreender as críticas do autor sobre o período vivido. Gandalf e Merlin aparecem e desaparecem na narrativa sem uma explicação exata do que foram fazer nesse período em que se encontram fora da narrativa, entretanto, a figura deles é um fio condutor para que os elementos medievais apareçam e convirjam com as críticas ao contexto histórico vivido por ambos.

Mesmo com várias transformações, progressos científicos, a anulação das fronteiras geográficas unindo a espécie humana, mudanças tecnológicas e até a laicização da sociedade, o outro lado da moeda, o lado da angústia, dos modernos não se encontrarem em seu tempo, da alienação dos trabalhadores “livres”, da guerra, da desintegração e dominação, pesa tanto quanto os aspectos positivados. A modernidade é carregada de um eterno devir de retrocessos e progressos que juntos formam a síntese modernidade; ser moderno é estar submerso em um mundo em que “tudo o que é sólido desmancha no ar”²¹.

Referências

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

SPERBER, S. F. **Ficção e razão: uma retomada das formas simples**. Aderaldo & Rothschild,

²⁰ WHITE, 1958, p. 31.

²¹ BERMAN, Marshall, 1986.

2009.

STAINLE, S. **Gandalf: a linha na agulha de Tolkien**. Araraquara. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, 2016.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WHITE, T. H. **O rei que foi e um dia será Vol 1 e 2**. Sintra: Publicações Europa América, 1998.

_____. **O livro de Merlin**. Trad. Maria José Silveira, São Paulo: Editora Francis, 2005.